

O corpo gordo e a vulnerabilidade linguística: análise do discurso de resistência do canal Gordelícia de Mariana Xavier

Jacimara Ribeiro Merizio CARDOZO⁷²

Considerações iniciais

O nosso corpo materializa nossa história de vida, porém é oprimido pelo processo de docilização da pressão estética exercida pela sociedade da disciplina, esta que vislumbra um imaginário de saúde (FOUCAULT, 2014). O corpo que não aceita esse processo de “transformação dócil para a magreza” é ferido pela linguagem verbal, assim, o corpo gordo é atingido pela “arma” do discurso de ódio. (VEREZA, 2021). Para Bakhtin e Volochinov (2014, p. 36), a “palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”. E é também “o fenômeno ideológico por excelência”. Diante disso,

72 Doutoranda na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro UENF. E-mail: ribeirojacimara@gmail.com

esta pesquisa tem como objetivo principal analisar o discurso de resistência à gordofobia por meio da identificação dos discursos circulantes manifestados⁷³ nas falas da atriz Mariana Xavier em seu canal do YouTube intitulado Gordelícia. Fundamenta-se nas reflexões propostas por Charaudeau (2019) sobre a análise da violência verbal em diálogo com a vulnerabilidade linguística de Judith Butler (2021) e com o dialogismo de Bakhtin pela resposta ao discurso de ódio.

Dessa forma, pretende-se observar como os discursos circulantes contribuem para a construção do ethos militante de Mariana a favor da aceitação do corpo gordo (MAINGUENEAU, 2004). Outrossim, segundo Butler (2021), no discurso injurioso, a problemática deve focar sobre “quais são as palavras que ferem, quais as representações que ofendem”, além do “modo de endereçamento” das injúrias (p. 12 -13). Diante disso, pretende-se investigar as falas de Mariana principalmente diante dos comentários gordofóbicos marcados pela força da violência das palavras e formas alternativas de insultos para além das palavras vistas como “grosseiras” e “violentas” (CHARAUDEAU, 2019). Pretende-se observar quais são os efeitos produzidos no corpo gordo insultado quando este recebe construções de linguagem como gatilho para o discurso de ódio. Desse modo, seguindo as orientações de Charaudeau (2019), busca-se analisar a natureza identitária dos parceiros de interação e das suas relações de interlocução mediante os três elementos do ato ofensivo: “um locutor que insulta, o interlocutor que o testemunha e o alvo que é insultado” (p. 16). Nosso recorte aqui será o alvo que é insultado e como ele também se comporta enquanto testemunha para a construção de um ethos militante.

73 Discurso circulante é expressão usada por Patrick Charaudeau (2006).

A vulnerabilidade linguística do corpo gordo

As palavras podem ferir? As palavras podem ser vistas em termos de armas? Se sim, quem aperta o gatilho? Quem é a vítima? Como se dá a morte pela linguagem? Nesse contexto de crime da linguagem, como se configura o corpo gordo diante da gordofobia? A linguagem teria força para ferir alguém? Em resposta a essas perguntas, importa apresentar as contribuições de Judith Butler (2021) acerca da vulnerabilidade linguística. Butler afirma que “exercitamos a força da linguagem mesmo quando buscamos conter a sua força, presos a uma trama que nenhum ato de censura é capaz de desembaraçar”. E essa força é a lei que “precede e condiciona qualquer decisão que venhamos a tomar” (2021, p. 12).

Assim, se as palavras podem ferir, como se inicia um insulto? Um insulto só acontece por meio de palavras grosseiras e violentas? Para Butler, o insulto vai sendo emoldurado no decorrer do tempo, mas pode ser iniciado por chamar alguém de algo. É uma das formas da denominada “injúria linguística”, mas também é, ao mesmo tempo, a essência da “interpelação”. Só posso interagir com alguém nomeando-o, fazendo-lhe referência. O chamamento é fundamental para o reconhecimento do sujeito e de sua existência, porém esse reconhecimento é plástico, volúvel segundo as intenções e as circunstâncias de interação. Assim, “ser chamado não é meramente ser reconhecido pelo que já se é, mas sim ter a concessão do próprio termo pelo qual o reconhecimento da existência se torna possível”. É o chamamento do outro que nos possibilita a existência, segundo Butler.

Dessa forma, importa investigar “quais são as palavras que ferem, quais as representações que ofendem” (p. 12). Butler sugere que a concentração das análises da injúria linguística devem estar voltadas “nessas partes da linguagem que são enunciadas, enun-
ciadas”

áveis e explícitas”. Para isso, a partir de Wittgenstein e sua contribuição acerca da linguagem enquanto jogo, e cujas regras regem as formas de vida, para cada caso há atualização das regras, dos papéis e atores sociais e, portanto, a cada caso de injúria linguística deve-se haver uma análise com acuidade para suas peculiaridades. É preciso buscar para cada “nomeação” a constatação de que a pessoa nomeada foi menosprezada e humilhada.

Outrossim, a injúria linguística, dada no processo de interação entre sujeitos, também se estabelece no dialogismo, que, por sua vez, é constituinte do discurso. Ou seja, a pessoa insultada também possui possibilidades de respostas. Segundo Butler, “o chamamento injurioso pode parecer restringir ou paralisar aquele ao qual é dirigido, mas também pode produzir uma resposta inesperada e que oferece possibilidades” (p. 13). É sobre essas “possibilidades” de respostas que pretendemos investigar nos discursos de resistência à gordofobia.

Na primeira e segunda orelha da obra de Judith, há a seguinte afirmação: “Embora a fala possa insultar e rebaixar, também é uma forma de reconhecimento, de constituição de identidade, e pode ser usada como contragolpe” (BUTLER, 2021). Diante disso, acreditamos que o discurso de resistência à gordofobia trata-se de um contragolpe e, conseqüentemente, de uma tentativa de construção da identidade gorda, esta que é quebrada, desfigurada pela pressão estética imposta na sociedade em tempos hodiernos.

Ao tomar a força da linguagem no processo de interpelação materializado pelo vocativo de ódio, Butler fundamenta-se nos atos de fala de J. L. Austin tanto pelo ato ilocucionário, “atos que, ao dizer algo, fazem o que dizem e no momento em que dizem”; quanto pelo ato perlocucionário “atos de fala que produzem certos efeitos como consequência; quando algo é dito, certo efeito é produzido” (p. 13-14).

Importa-nos observar quando os efeitos produzidos no corpo gordo insultado viram “ritual” e deixam de ser um “momento único” para os atos ilocucionários. Para a autora, a grande questão não é simplesmente investigar o contexto, pois o próprio contexto, na arena do ódio, desintegra-se, dilui-se: “ser ferido pelo discurso é sofrer uma perda de contexto,⁷⁴ ou seja, é não saber onde se está” (p. 15). Isso configura a imprevisibilidade do ato de fala do ódio, pois é o insulto que nos “tira do chão”, “puxa nosso tapete”, como afirma a autora deixa “seu destinatário fora de controle”.

Outro ponto importante acerca da vulnerabilidade linguística diz respeito à analogia à vulnerabilidade física. Apesar de se tratarem de dimensões diferentes, segundo a autora, a vulnerabilidade linguística costuma ser pensada em termos de metáforas físicas. E isso “sugere que essa dimensão somática pode ser importante para a compreensão da dor linguística” (p. 17). A dor como efeito do machucar das palavras. Para isso, a autora cita Elaine Scarry e sua obra “The Body in Pain”⁷⁵ para provar ainda mais essa relação entre violência, corpo e linguagem. “Para Scarry, o corpo não é apenas anterior à linguagem; ela afirma [...] que a dor do corpo é inexprimível na linguagem, que a dor destrói a linguagem e que a linguagem pode combater a dor mesmo quando não consegue apreendê-la” (p. 19). Diante da afirmação de Scarry, tendo em vista o objetivo deste trabalho, importa investigar como o canal Gordelícia não seria uma forma de linguagem para combater a dor causada pela gordofobia. Além disso, pensando nos insultos como uma sessão de tortura, também é preciso observar a tentativa de expressar linguisticamente a dor e de tentar resgatar o “testemu-

74 Sobre a perda parcial de contexto e a universalidade das palavras, importa destacar que se trata de um posicionamento de Butler (2021), diferente da postura adotada por Charaudeau (2019) e Bakhtin e Volochinov (2014).

75 O corpo com dor.

inho perdido” pelos corpos gordos torturados por palavras e que se refugiam nesse canal, assim como defende Scarry citada por Butler.

Orientações para análise da violência verbal: contribuições de Patrick Charaudeau

Uma violência verbal tem suas características próprias não só em oposição à violência física, mas também em relação a cada caso atualizado em especial. Para começar, pela violência física há vítima a priori, ou seja, trata-se de fato constatado independente da recepção da vítima. “A vítima não precisa interpretar o ato em questão, não precisa opinar sobre o resultado dessa ação, pois é na própria instância dessa ação que ela se torna vítima” (p. 5). Para violência verbal dependerá da vítima, se sentiu “atingida”, se concebe como vítima da situação. “A violência física pode levar a um combate corporal; a violência verbal pode originar um combate de palavras” (CHARAUDEAU, 2019, p. 448).

Aqui importa ressaltar o “combate de palavras” como efeito da violência verbal, pela própria palavra combate. Pela semântica cognitiva, já é construção de nosso sistema conceptual compreender uma discussão em termos de guerra. Assim, para a realização da violência verbal, sendo interpretada pela vítima como tal, é possível, dependendo da reação da vítima, dar início a uma discussão e, portanto, iniciar uma guerra verbal. Em uma situação de violência verbal é muito comum a produção de metáforas bélicas. Assim, o domínio-fonte **guerra**⁷⁶ é mapeado para desenvolver a metáfora **palavra é arma**, pois a palavra fere, meu opositor pode ser meu inimigo, posso ser atingida pelos argumentos do meu opositor, ou

76 Trata-se de uma normativa da Semântica Cognitiva colocar em destaque caixa alta o frame e a metáfora conceptual.

ainda preciso criar argumentos para me defender etc.

Vereza (2020) apresenta as metáforas bélicas na conceptualização do antagonismo verbal. Fundamentada na Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) de Lakoff e Johnson (1980-2002), a autora apresenta a produtividade do domínio-fonte **guerra** para diversos domínios-alvo, como o futebol, por exemplo. Seu foco de estudos são as metáforas situadas, construções muito recorrentes e produtivas em discussões cuja violência verbal estrutura as relações discursivas. Segundo Vereza (2020),

[...] as metáforas situadas pertencem ao domínio cognitivo discursivo, pois são fenômenos pertinentes a um evento específico do discurso. As metáforas situadas são deliberadas e podem ser vistas como uma poderosa ferramenta retórica e/ou argumentativa na construção de objetos do discurso (VEREZA, 2020, p. 378).

Como resultado de sua pesquisa, destacamos aqui alguns exemplos de metáforas situadas herdadas da metáfora **discussão é guerra**.

Palavras são como arma; às vezes elas ferem. (Figura 5)/ Palavras são armas sem gatilho (Figura 6)/ [...] Palavras são como pedras; quando atiradas com raiva machucam. (Figura 9) / Desde criança aprendi que palavras enforcam (Figura 10). [...] Palavras cortam mais do que facas. Elas não perfuram a pele, rasgam a alma (Figura 14) (VEREZA, 2020, p. 378-380).

Diante disso, é fundamental promover análises de casos específicos a fim de não generalizar e evitar globalizar o fenômeno (CHARAUDEAU, 2019). Para um analista do discurso de violência verbal, importa investigar como se categorizam os termos quanto ao aspecto da discriminação. É preciso questionar e avaliar a “força dos atos de insulto” e não misturar tipos de violência distintos criando uma falsa⁷⁷ essência de entrelaçamentos de violência. “Por exemplo, um enunciado como ‘Violência contra as mulheres e as crianças nas sociedades modernas’ globaliza um tema cujos atos são de natureza diferente” (CHARAUDEAU, 2019, p. 445).

Segundo afirma Laurence Rosier, “o efeito do insulto depende de fato da situação de comunicação”, cabe, então, ao analista do discurso analisar a complexidade da situação, até porque o foco da avaliação do insulto pode estar no que o recebe. Isso acontece porque, “nas relações de força expressas pela linguagem, o outro só é vítima quando se considera vítima” (ROSIER apud CHARAUDEAU, 2019, p. 449). Assim, importa analisar, separar e classificar os danos de cada tipo de violência: “a violência física provoca danos ao corpo (e conseqüentemente à mente), a violência verbal, à mente” (p. 449).

Para analisar a situação de comunicação, primeiramente importa observar “as palavras ofensivas que não ofendem e as palavras que ofendem sem dizer” (p. 454). Isso acontece porque há palavras previamente tidas como ofensivas, dependendo da situação, mas que não ofendem. Podem até ser um momento de catarse, nada direcionado à ofensa ao outro. Por outro lado, depende da sensibilidade do analista perceber o lançar de palavras que, mesmo não sendo grosseiras e violentas, pode ofender.

77 Charaudeau (2019) conceitua o que seria essencializante: “processo de generalização que tende a classificar a pessoa alvo em uma categoria da qual ela não pode se apartar, como se a pessoa dissesse: ‘Isso é evidente’, ‘Não tem salvação’” (p. 456).

Para o caso específico aqui em análise, Mariana Xavier, em uma de suas falas no canal Gordelícia, afirma que o problema nem sempre é a palavra, mas, sim, o tom como ela foi proferida no contexto. “O problema não é falar que a pessoa está gorda. O problema é o tom. Quando vira um tom de ofensa aí é que é o problema. De resto, está tudo certo” (XAVIER, 2018). Isso prova a fala de Charaudeau: “Não se pode atribuir a priori um grau de violência às palavras” (p. 456).

Desse modo, avaliar a situação de comunicação requer observar os elementos da cena da violência verbal. A começar pelos interlocutores, suas identidades, características socioculturais dos grupos representados e o foco da sua interação (intencionalidade de cada um). Isso é o que Charaudeau chama de contrato de comunicação que se dimensiona pela “maneira como ele [o contrato] é posto em cena, ou seja, da situação de enunciação; do valor social das palavras e fórmulas inventadas e compartilhadas pela sociedade” (p. 15). Isso se torna ainda mais complexo quando o autor afirma que “não existem situações que demandam, por convenção, ofensas”. Assim, a ofensa é um fenômeno criado no discurso, situado para uma cena específica. Mais uma prova para se fugir das essencializações de Charaudeau.

Na sobrevivência linguística: a resistência do corpo gordo à transformação dócil para a magreza

O corpo sintetiza a cultura e expressa elementos específicos de uma sociedade, seus princípios, comportamentos. Daolio (1995, p. 25) afirma que “o homem, através do corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais num proces-

so de inCORPOração (a palavra é significativa)”. Essa assimilação pelo corpo pode causar estigma para o sujeito que se recusa, ou que não consegue, fazer a assimilação, a incorporação “pretendida” pela sua sociedade e cultura. Assim, uma vez que a cultura “foi a própria condição de sobrevivência da espécie”, “porque a natureza do ser humano é um ser cultural”, o corpo que se recusa à cultura dominante pode inclusive comprometer a sua sobrevivência (física ou social) no corpo cultural e social circunscrito (DAOLIO, 1995, p. 25). Desse modo, “mexer no corpo é mexer na sociedade da qual esse corpo faz parte” (p. 27).

Diante disso, cabe a pergunta: há uma instância significativa que impõe um padrão de corpo diante da cultura em vigência? Assim, separa e marginaliza o corpo que não incorpora seu ideal? Em busca de investigar os aspectos silenciados do discurso quanto ao corpo ideal, as autoras Deus, Martins e Santiago (2013) analisaram a reportagem “7 dicas infalíveis para perder peso definitivamente” à luz do materialismo histórico dialético de Marx. O resultado da análise provou que as mídias influenciam e reforçam a construção de um ideal de corpo magro e, desse modo, o constitui como “mercadoria perfeita” (DEUS; MARTINS; SANTIAGO, 2013, p. 5.851) Essa construção do corpo ideal magro ainda é vista como ideal de saúde, não é em vão que a revista da reportagem analisada pelas autoras chama-se “Saúde”.

A preocupação com o corpo historicamente vem, muitas vezes, intencionada de uma necessidade consequente de exibição do corpo. Na Grécia, o corpo era marcado pelo cuidado no contexto dos jogos e da guerra.

O corpo estabelecia uma relação com a vida plena, pois além desse cuidado físico, havia também o interesse pelo

aspecto espiritual, com práticas de meditação e dietas, visando à moderação para evitar os excessos. Para as mulheres esse cuidado não era permitido, pois a elas cabia a reprodução e o respeito aos pais e ao marido (DEUS; MARTINS; SANTIAGO, 2013, p. 5.854).

Se na Grécia o corpo era objeto de cuidado e disciplina contra excessos para exibir boa forma, na Idade Média, segundo as autoras, era um contêiner fechado para o pecado. Todos os esforços giravam em torno da tentativa de superar o material, o corpóreo e atingir a plenitude espiritual. Assim, o corpo ficava condicionado aos cuidados da alma. Assim, a mulher, cujo papel inicial era “de gerar a vida”, na Idade Média, “é tida como aquela que conduz o homem ao erro, ao pecado” (p. 5.854).

Na sequência diacrônica da representação do corpo pela cultura, o corpo foi então desprezado pelo teocentrismo medieval, agora, na Era Moderna, ele renasce com a preocupação do corpo social e cultural em exibir novamente a boa forma. Essa renovação guarda peculiaridades, pois “diferentemente da preocupação existente na Grécia para com a mente, na era moderna havia o dualismo entre corpo e razão, sendo o mesmo tido apenas, [...] como servidor da razão” (p. 5.855). Isso prepara o corpo para a cultura dos tempos hodiernos, esta que se sustenta pelo capitalismo, pelo consumismo.

Diante das circunstâncias da sociedade atual, vale tudo para entrar na ditadura do corpo magro, mesmo que se corra o risco da saúde, o importante é ser dócil e obedecer às regras das leis do corpo ideal. É por isso que Barbosa, Matos e Costa (2011) apresentam a crise do corpo nos dias atuais. Ao mesmo tempo que investe em seu corpo/mercadoria, o sujeito tem o desejo de “obter dele mais

prazer sensual e de lhe aumentar o poder de estimulação social, assistindo-se a um mercado crescente de produtos, serviços” (p. 29). Essa constante busca desencadeou uma imagem de crise cujos sintomas são: “o aumento das próteses, a criação do cyborg (o ciber-corpo), a clonagem, as intervenções da engenharia genética, a biologia molecular ou as novas técnicas cirúrgicas ou ainda o uso de substâncias químicas” (p. 29).

Trazemos aqui a figura do soldado pelo aspecto do corpo dócil de Foucault (2014). Para o filósofo, “o soldado é, antes de tudo, alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia [...]” (p. 133). De igual modo, podemos relacionar o soldado aos internautas que comentam sobre o corpo dos outros nas redes sociais, ou ainda que se esforçam para se exibir o “corpo magro”. Em seus comentários já se conhece de longe quem milita por qual tipo de corpo. Os sinais naturais de seu vigor e coragem representam a magreza, resultado de seus esforços com dietas, exercícios físicos, cirurgias etc. O corpo magro é sinônimo de seu orgulho, a magreza é seu brasão, pois representa sua “valentia” diante de comportamentos tidos como “sedentários”, ou ainda contra os conhecidos “pensamentos de gordo”, o que come de forma retroativa, ou come e não “gasta” o que comeu.

Para Foucault (2014), “na segunda metade do século XVIII: o soldado se tornou algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa” (p. 133). Podemos criar um paralelo ao sujeito assujeitado da sociedade do consumo, pois ele é informe e ganha forma a partir dos ditames do consumismo e do ideal da boa forma do corpo. O corpo magro é fabricado pela sociedade do consumo que prega um ideal de vida saudável representado pela magreza, por outro lado, em um paradoxo, a mesma sociedade também fabrica o corpo gordo, fruto

do consumismo exacerbado de alimentos. A máquina de que essa sociedade precisa é essa constante funcionalidade de comer exageradamente, sentir-se “doente” e estar sempre em busca da “magreza”. Essa é a força motriz que coloca em paralelo o corpo gordo e o corpo magro. Isso aponta para dois aspectos essenciais do corpo dócil: a utilidade e a submissão: “o corpo útil, corpo inteligível é matéria-prima para o adestramento, pois, segundo Foucault, é a docilidade que “une ao corpo analisável o corpo manipulável”. Além disso, ele afirma que “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (p. 134).

Resultados e discussão

Ethos militante de Mariana Xavier: em defesa da exposição do corpo gordo

Para analisarmos um corpus como parte do discurso materializado no canal Gordelícia, antes de tudo, é importante investigar quem é o “enunciador encarnado” que se constitui no curso dos vídeos que estão no canal. Como Mariana Xavier constrói o ethos de uma militante contra a gordofobia, atriz, gorda e mulher? Como todos esses atributos deixam sobressair por entre os discursos a “voz de um sujeito situado para além texto”? (MAINGUENEAU, 2004, p. 95).

É importante observar como cada fala pode aflorar a recorrência de determinado comportamento diante dos ataques do discurso de ódio ao gordo, ou aqui também levaremos em conside-

ração os ataques contra os que sofrem “pressão estética”. Importa questionar que qualidades, atributos, possui um militante “contra-gordofóbico”? Que postura procura investir, que imagem procura passar quando se posiciona diante de uma câmera, ou de uma rede social para tratar do discurso de ódio contra o corpo gordo? Como defende, ou procura “proteger” a “vulnerabilidade linguística do corpo gordo”? Como Mariana tenta se constituir como autoridade para defender o corpo gordo? Como outro corpo gordo (mulheres comuns principalmente, seguidoras do canal, internautas) pode se encarnar nessa cenografia de defesa aos que não se curvam às pressões estéticas de seu tempo? Que gatilhos a militância de Mariana permite à mulher gorda “entrar imaginariamente na cenografia” da Gordelícia? (MAINGUENEAU, 2004, p. 97).

Segundo Maingueneau (2004, p. 97), o ethos é um desdobramento da retórica tradicional e, como fenômeno, “por meio da comunicação, [o ethos] revela-se a personalidade do enunciador”. O autor ainda cita Barthes para definir as características essenciais do ethos: “são traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão”[...] O orador enuncia uma informação, e ao mesmo tempo diz: eu sou isto, eu não sou aquilo” (BARTHES, 1966, p. 212 apud MAINGUENEAU, 2004, p. 98). Para alcançar a eficácia do ethos, é necessário, portanto, arquitetar o ritmo da fala/escrita, entonação, escolha de palavras etc., todos esses elementos são constitutivos de uma “aparência” que precisa ser passada a um público.

Importa, entretanto, separar o enunciador do autor de um texto. Segundo Maingueneau, o tom que dá autoridade ao que é dito, “permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (e não evidentemente, do corpo do autor efetivo)”, por isso que a leitura potencializa o surgimento do papel do fiador do que é dito. No canal de Mariana Xavier outras pessoas são convidadas

para falar da gordofobia e funcionam como esse fiador do que é dito, pois o mais importante não é a pessoa como autor, mas como enunciativa de um militante contragordofóbico. Um exemplo foi a conversa com Bernardo Boechat em 2018. Uma pessoa também gorda que possui um canal com a mesma militância.

Há um trecho na fala do Bernardo que ilustra bem esse papel de fiador:

A gordofobia está no fato de a pessoa acreditar que pessoas gordas são doentes. “Você é gorda porque você quer” “A culpa é sua, falta vergonha na sua cara”, “porque você é um preguiçoso, não faz exercício”, por que você não come direito. Tem várias coisas que são associadas à pessoa gorda que não são verdades (BOECHAT, 2018).

As frases justapostas por Boechat como enunciações de um ethos gordofóbico mostram que o gordo, pelo imaginário social, é associado à preguiça, à falta de cuidados, má alimentação. Isso também é recorrente nas falas de Mariana. No próprio vídeo em tela, Mariana afirma: “Essa ideia de que o gordo só é gordo porque ele é um vagabundo e vive no sofá agarrado no pacote de Doritos e uma panela de brigadeiro. Tem gente que faz isso, tem. E mesmo que essa pessoa fizesse, não é da sua conta” (XAVIER, 2018).

Tratam de discursos circulantes que o militante contragordofóbico sempre traz para se constituir como autoridade e revelar mitos. Outra bandeira do ethos militante também é apresentar às pessoas o comportamento de que não se deve comentar o corpo do outro, nem “apresentar possível preocupação” se a pessoa se apre-

senta gorda. A própria Mariana criou um mantra⁷⁸ “Não comentar o corpo de ninguém”. Na conversa com Boechat ela apresenta essa recorrência “não é da sua conta”. Observe que, com essas falas, o enunciador militante contragordofóbico quer apresentar ao público a imagem de alguém que procura ser ético e pensa muito bem antes de fazer determinado comentário sobre o corpo de alguém, pois pensa nas consequências possíveis que seu comentário pode causar.

A construção discursiva é fundada no caráter responsivo do militante, pois ele precisa do discurso de ódio (frases supracitadas) para criar seu ethos. O ethos só existe em função do discurso de outrem. É o contradiscurso. Prova disso está no trecho: “Têm várias coisas que são associadas à pessoa gorda que não são verdadeiras”. Com essa fala, o ethos do militante é categorizar o que é mito, por que é construído o mito e como desmistificá-lo.

O foco aqui não está no que Mariana falou, ou no que Bernardo falou, pois não se trata do autor, mas sim do enunciador encarnado que vai para além do texto, das falas produzidas. Outrossim, o ethos de militante contragordofóbico, pela autoridade que lhe confere o próprio corpo gordo, precisa delimitar muito bem o que é o discurso de ódio que lhe fere e o que não lhe diz respeito. Outro tom de autoridade para “esclarecer” as coisas. No trecho: “A gente precisa saber o que é gordofobia e pressão estética” (BOECHAT, 2018) É por isso que, segundo Maingueneau, “não podemos dissociar a organização dos conteúdos e a legitimação da cena de fala” (p. 99). Assim, escolher o conteúdo de esclarecimento sobre possíveis mitos jamais é um conteúdo “neutro”, há por trás desse conteúdo um enunciador encarnado, militante contragordofóbico.

78 Vídeo disponível em: <https://www.tiktok.com/@marianaxavieroficial/video/7053514385993600262>. Acesso em: 19 jun. 2022.

Maingueneau (2004) afirma que “o ethos implica, com efeito, uma disciplina do corpo apreendido por intermédio de um comportamento global”. E acrescenta que “o caráter e a corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las” (p. 99). Para o militante contragordofóbico, a “disciplina do corpo” é justamente combater a disciplina da imposição da magreza na sociedade hodierna e, com isso, pretende modificar a representação social de que o corpo magro é saudável e o corpo gordo é doente. Por isso o ethos desse militante é ser sempre “esclarecedor”, “contradoutreinador”, um professor, um guia para uma lavagem cerebral.

Na arena da vulnerabilidade linguística: quando vira agressão verbal para a vítima?

Mariana Xavier (2017) postou em seu canal Mundo Gordelícia o vídeo intitulado: “Reagindo aos Comentários:⁷⁹ Atriz Bomba na Internet com Foto de Biquíni”. Trata-se da realização do espaço do canal chamado: #XaComigo. Um momento para responder às perguntas e reagir aos comentários dos inscritos no canal. Nesse vídeo em especial, os comentários e respectivas reações são referentes à postagem da foto da atriz de biquíni. A própria Mariana conceitua a situação como “grande polêmica”, pois, ao longo do vídeo, pode-se observar a divisão de posicionamentos contrários ou a favor de tal exposição do corpo gordo. Mariana dramatiza a situação apresentando uma fala irônica e mostrando que a polêmica é desnecessária:

79 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HkqnsILlgLs>. Acesso em: 21 jun. 2022.

Ó, Meu Deus! Que grande polêmica. Era uma atriz mulçumana que vivia de burca e de repente se rebelou contra o sistema e tirou a roupa e postou uma foto seminua? Não. Era uma pessoa que sempre postou uma foto de biquíni, de maiô e que inclusive criou um movimento chamado ‘Gordelícia’ no início de 2014, gente (XAVIER, 2017).

A questão central para os objetivos dessa análise é justamente pelo fato de o vídeo trazer a polifonia, as vozes tanto dos enunciadores gordofóbicos quanto dos militantes contragordofóbicos. A sistemática das vozes se dá pela apresentação do comentário e a reação de Mariana ou apoiando, ou criticando, ou esclarecendo sobre o impacto da sua foto de biquíni.

Mas o foco aqui será como Mariana deixa transparecer que sofreu ou não agressão verbal a partir dos comentários, quer seja pela resposta (verbal), pela expressão facial, ou ainda pelo silêncio, o posicionamento de não comentar. O desenvolvimento do domínio da agressão física é tão perspectivado para essa “arena de agressão verbal” que a própria Mariana, antes da vinheta do canal que introduz o vídeo, apresenta o *#XaComigo* selando com a simulação de um soco frente à tela. Essa imagem visual (ver Figura 1) aconteceu após a reação de Mariana ao seguinte comentário de Charles Brow Ferreira: “Vou perguntar para ela, quanto tá o pneu, estou precisando de dois”. Assim Mariana respondeu: “Ai, lindo! Infelizmente não vou tá podendo vender meus pneus para você, porque eu vou precisar deles no meu papel na próxima novela das nove” (XAVIER, 2017). De uma forma irônica, a expressão usada por Mariana “meu lindo” se trata de uma resposta à agressão com outra agressão verbal e simulada fisicamente. Ela também tira de

foco o “apenas corpo gordo” com a figura dos pneus (perspectiva de Charles) para apresentar que o corpo gordo não se resume no gordo, mas um corpo que encena, um corpo famoso, que vai fazer um papel na novela que vai ao ar em horário nobre.

Um comentário de Alcindo Bissoli deixou Mariana aparentemente confusa. “Essas gordinhas tão no cardápio dos brasileiros. Elas são uma fofura. Ainda se saber lavar, passar, costurar, tricotar, e fazer macarronada da *mama*. Boa sorte para essas linhas”. A possível agressão verbal, inferimos, não foi concretizada pela vítima. A prova disso está na resposta de Mariana: “eu ainda não entendi se esse comentário é um elogio ou não”. Bissoli apresentou a mulher gorda em termos de comida, pois além de estar no cardápio do brasileiro, pela coerência do “Gordelícia”, são uma fofura, pois servem para fazer alguma coisa, e aí retoma aos afazeres domésticos o que delimita ainda mais a agressão à mulher gorda.

O comentário de Jhonatan Souza foi definitivamente uma agressão verbal à imagem e capacitância do corpo gordo para Mariana. O internauta disse: “Uma dica, transar com Gordinha é muito legal porque ela não fica inventando moda de pegar no colo de ficar por cima duas horas, e só de ladinho e papai e mamãe sem frescuras”. Assim Mariana respondeu: “Jhonatan, meu anjo, olha. Tem muita gordinha que faz o helicóptero, faz várias coisas...o canguru pernetá é pouco. Acho que de repente você está pegando as pessoas erradas”. Nessa fala, Mariana tenta desconstruir a imagem deturpada criada por Jhonatan sobre a possível incapacitação da mulher gorda no momento do ato sexual.

Outro comentário reconhecido como agressivo foi de Talitinha Rodrigues:

O sol brilha para todos ... mas ninguém é obrigada a achar uma gorda de biquíni bonita. E. nunca foi proibido ter gorda na praia , aliás , sempre vi por lá... só q não tinha essa palhaçada toda online. Se ela aceitasse não precisaria ficar esfregando aceitação online (sic).

Em resposta, Mariana pede a onomatopeia do sono e na tela aparece a letra “Z”, sugerindo um discurso enfadonho, ultrapassado. Em seguida ela afirmou: “Diferenças existem, você não é obrigado a desejar essas diferenças, nem admirar essas diferenças, mas, sim, você deveria ser obrigado a respeitá-las. É o mínimo enquanto ser humano” Pela reação ao exigir respeito, Mariana confirma a agressão verbal, pois, infere-se que a internauta faltou com respeito ao corpo da mulher gorda.

Porém o comentário, a nosso ver, mais agressivo, reconhecido pela vítima, seja o de Carlos Schneider: “Virou moda esses paquidermes posarem de biquíni querendo convencer os outros e ela mesma que é bonita. Nem esteira te aguenta, Miss diabete?”. O comentário introduz uma comparação a um paquiderme – animais de pele rugosa, espessa e dura cujos protótipos são animais de grande porte, como elefante e rinoceronte –, e depois faz uma difamação inferencial de que gordo não é bonito. Tais marcas linguísticas se assemelham a golpes que não deixaram a vítima respirar. Prova disso foi a resposta de Mariana: o silêncio, pois ela simplesmente pede para passar para o próximo comentário.

Em entrevista para o canal **Todas Juntas**, com tema Gordofobia,⁸⁰ Mariana Xavier (2017) afirma: “eu só me tornei efetivamente

80 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rsu07B5-Ewo>. O programa Todas juntas trata-se de uma coletiva de entrevista feita por mulheres, atrizes e famosas magras que trabalham o tema da gordofobia no vídeo em específico. Acesso em: 2 jul. 2022.

gorda, porque eu tomei um milhão de remédios para emagrecer”. Assim, a própria Mariana cria um conceito de gordofobia: desprezar, ou você agredir alguém, por ela, está fora da forma dita padrão. E ainda completa dizendo que “todas são expressões muito perigosas”. Isso acontece porque “o fato de você olhar para alguém e ela parecer que está com sobrepeso não significa que ela não esteja saudável, como o contrário também, se você ver uma pessoa muito magra não significa que ela esteja saudável”. Em sequência, a entrevistadora pergunta se há problema em falar que uma pessoa é gorda. E ainda comenta sobre o “peso” e a “forma” como se direciona ao próximo. Na pergunta: “se eu falar gorda te ofende”? Mariana responde apontando para o adjetivo “fortinha”, como um direcionamento que a irrita. E ainda confirma que “gorda não é uma ofensa, é só um adjetivo descritivo”. Outra pergunta importante dessa coletiva foi “alguém já te falou assim que você promove a obesidade?”. E Mariana responde que sim, mas tenta deixar claro que a sua intenção não é fazer apologia à obesidade, mas prega que “as pessoas precisam ser saudáveis acima de qualquer coisa e que essa saúde tem que começar pela cabeça”. Isso vai ao encontro do que Charaudeau (2019, p. 449) afirma sobre a violência verbal cujo estrago se dá na mente, mesmo que em consequência o “corpo pode ressentir pelo fenômeno da somatização” e essa somatização pode provocar ainda mais exageros alimentares e encaminhar à obesidade. Essas falas reforçam os discursos circulantes de resistência à gordofobia. A partir do exposto, defendemos que tais discursos podem ser sintetizados nas afirmações a seguir:

Ser magro não significar estar saudável.

Estar gordo ou acima do peso não significa estar doente ou ser preguiçoso.

Não há palavras prévias que ofendem,

mas depende do tom.

A palavra gorda é apenas um adjetivo descritivo.

É preciso observar quando há eufemismos para se dirigir ao corpo gordo a partir do pensamento de que ser gordo é dolorido, é um sofrimento, o que pode ofender também.

Ser resistente à gordofobia não é promover a obesidade; é lutar por uma mente saudável acima de tudo.

Não se deve comentar o corpo do outro nem para elogiar nem para depreciar, pois o comentário pode trazer consequências para a saúde mental do corpo-alvo.

O comentário e a consequência: questionamentos para o discurso gordofóbico e os atos de fala

Há uma retórica da violência que precisa ser investigada, pois é necessário observar se, quando alguém faz algum comentário sobre o corpo de alguém, realmente “está apenas falando ou está conduzindo o seu corpo em direção ao outro, revelando a vulnerabilidade do corpo do outro ao chamamento?” (BUTLER, 2021, p. 29). Isso se justifica, pois “o corpo do falante excede as palavras ditas e revela o corpo do destinatário, expondo que esse corpo não está mais (ao menos não completamente) sob controle (p. 29).

Segundo Butler (2021), com base em Austin, o ato ilocucionário é quando ao falar, o falante faz a ação simplesmente pelo ato fala. Pode-se inferir que, quando o gordofóbico faz um comentário, o próprio comentário é a ação de ferir alguém, é a agressão verbal: ele fala com a ação de ofender, ele fala com a ação de agredir. Ele fala e está fazendo a ação violenta. Falar é violentar. Trata-se, portanto, de um ato que “não exprime a intenção de fazer algo nem descreve o que está fazendo: o próprio dizer é um tipo de ação”, por isso “produzem efeitos” (p. 36). Já no ato perlocucionário, o foco está na consequência desse ato para o destinatário. “mas o que foi dito e suas consequências são temporalmente distintos; essas consequências não equivalem ao ato de fala, mas são, ao contrário, ‘o que nós produzimos ou obtemos ao dizer algo’” (BUTLER, p. 37).

Mariana Xavier defende, o que ela chamou de mantra, que não se deve comentar o corpo de ninguém, pois os comentários geram consequências maléficas e refletem a hipocrisia da sociedade. No vídeo “Não comentar o corpo de ninguém”, ela afirma “Para quem está com a autoimagem e o senso de valor prejudicados, determinados comentários podem fazer estrago e tanto” (XAVIER, 2022). Nesse vídeo Mariana levanta a tese de que o seu corpo e a exposição de sua barriga, sem estar grávida e sem filtros, não se trata de uma cena que incomoda as pessoas, mas o que incomoda os gordofóbicos é que eles não têm a liberdade que ela tem de expor seu corpo gordo.

Mariana também levanta outra questão sobre o comentário positivo e depreciativo. Ela afirma: “tem muita gente que acha que só é errado comentar o corpo do outro se for de forma explicitamente depreciativa. Que se for para elogiar, tudo bem. Só que para ser um elogio para uns, pode ser um baita de um gatilho para outros” (XAVIER, 2022). Aqui podemos observar explicitamente a reflexão sobre o comentário e sua consequência. Como se o co-

mentário fosse o reforço positivo ou negativo do comportamento ideal ou do comportamento negativo pela teoria do Behaviorismo, como o cachorro e a carne, de Skinner. Nesse sentido, o comentário faz parte do condicionamento operante que modela o comportamento do gordofóbico, ou do que quer ser magro a todo custo. Importa pensar sobre o que seria a consequência de um gatilho para alguns. Assim, Mariana ataca o perfil das pessoas que fazem de tudo para apresentar uma foto com um corpo magro, perfeito. Aponta que nos bastidores da construção dessa foto ideal, muitos comentaristas não fazem ideia do que acontece. Desse modo, dizer também que a pessoa está magra pensando em ter feito um elogio acaba sendo um discurso que traz consequências negativas de reforço ao comportamento não saudável daquela pessoa que quer a qualquer custo (pela depressão, pelo transtorno alimentar) um corpo magro. Assim, Mariana apresenta como pode ser verbalizado esse mecanismo que modela o comportamento viciado pelo corpo magro: “Opa, tô vomitando, tô passando fome, mas tá funcionando. Tão me achando linda. Tão massageando meu ego e nada mais importa”. E ainda completa a gravidade da consequência do elogio, dizendo “Vocês conseguem entender o quanto isso é perigoso?” (XAVIER, 2022).

Em conversa com Bernardo Boechat, em um de seus vídeos⁸¹ do canal Gordelícia, Mariana Xavier (2018) apresenta um indício de ato perlocucionário como um pensamento do gordofóbico. Assim ela afirma: “Que tipo de mensagem está passando para as pessoas gordas? Porque gordo é horroroso, não pode ter roupa. Porque é marca Plus Size. Não. Porque você vai incentivar a obesidade. Não, gente, você vai dar roupa para a pessoa”. Essa fala representa o discurso de ódio pelo símbolo da roupa. Assim, fazer

81 “Pressão Estética, Gordofobia e Escala de Preconceito com Bernardo”. Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=96S9zMUt-mCY_

a pessoa gorda não usar Plus Size, seria então, inferimos, um ato perlocucionário, pois o foco seria a consequência do ato de negar a roupa ideal para a pessoa e, como consequência, fazê-la emagrecer para entrar/caber em uma roupa considerada tamanho normal. O ato de negar a roupa Plus Size e a consequência do emagrecimento forçado são eventos temporalmente distintos, o que confirma as palavras de Butler.

O discurso gordofóbico ainda pode ser um discurso que vamos nomear aqui de sistêmico, ou seja, quando a fala de uma pessoa vem de um contexto de ausência de acessibilidade de um sistema perante o gordo. É quando, em situações específicas, as falas são reflexos de um pensamento excludente. Mariana Xavier apresenta essa situação na seguinte fala:

Tudo, na verdade, da pessoa gorda é resumida no fato de que ela é gorda. Tem muita gente, pessoa gorda, que é diagnosticado com pressão alta, mas na verdade, porque o medidor não é para o tamanho do braço dela. Então a pressão vai acabar ficando “alta”, porque o medidor na verdade está medindo errado. Mulheres grávidas gordas que não conseguem ter um filho, porque não tem maca. Muita gente gorda é mandada para haras para fazer ressonância magnética em máquina de cavalo. A gente tem um universo de coisas que fazem a pessoa gorda não fazer parte normalmente da sociedade. [...] Estar no bar e só ter cadeira de plástico e você pensar: não posso sentar nessa cadeira. É impedir o convívio social do gordo (XAVIER, 2018).

Mariana aponta que a negação dos recursos básicos a uma pessoa gorda é o mesmo que dizer: “o gordo não pode ter uma vida normal”, ou “para o meu estabelecimento comercial, você não existe”. “Minha empresa não te quer, não precisa de funcionário como você”. Nesse caso, receber uma negativa em uma entrevista de emprego, passar por uma situação constrangedora em um bar com apenas cadeiras de plástico, ou ainda ser encaminhado para um haras para fazer exames não seriam também atos de violência, ato ilocucionário? Aqui vai depender de como, em cada situação, os falantes irão tratar verbalmente o gordo e, segundo Charaudeau, como o gordo receberá o discurso (linguagem verbal) dos agentes de tais constrangimentos. De igual modo, não ter o emprego, ter o direito de maternidade negado também não acarretariam consequências para a pessoa em um espaço de tempo diferente, ou seja, após o discurso gordofóbico? Parece aqui ser um caso de ato performativo também.

Considerações finais

Resistir ao discurso de ódio gordofóbico requer antes de tudo analisar cada caso, observando os agentes desse jogo de interação. Para uma palavra atingir o corpo gordo é necessário observar se o corpo-alvo realmente se reconhece como atingido e se a ação da violência verbal se limita ao ato de proferir o discurso ou se em uma diferença temporal geram-se consequências. Assim, diante das orientações acerca da análise da violência verbal de Charaudeau (2019) e das veredas filosóficas para a vulnerabilidade linguística de Butler (2021), apresentamos investigações preliminares sobre como se constitui o discurso de resistência à gordofobia nas falas de Mariana Xavier. Iniciamos pela reflexão crítica acerca da resistência do corpo gordo à transformação dócil para a magre-

za, a partir de uma visão diacrônica sobre o corpo e sua utilidade no corpo social; passamos pela constituição do ethos militante de Mariana Xavier como enunciadora de afirmação de resistência; e assim chegamos às análises do quadro XaComigo do canal Gordelícia para observar quando um comentário nas redes sociais vira agressão verbal para a vítima, o que nos permitiu sintetizar, em comparação com outros vídeos de Mariana, alguns discursos circulantes que dão identidade ao discurso de resistência à gordofobia.

Por fim, levantamos questionamentos acerca dos tipos de atos de fala e o discurso de ódio ao corpo gordo, observando as dimensões do ato ilocucional (ação) e perlocucional (consequências em tempo posterior à violência verbal). Ressaltamos que a análise aqui apresentada é um pequeno recorte e um prolegômeno para uma pesquisa posterior cujo *corpus* seja mais robusto a fim de ampliar os resultados parcialmente aqui alcançados e desmistificar deturpações possíveis quando se trata de resistência à gordofobia.

Referências

- A BARBOSA, M. R., MATOS, P. M. & COSTA, M. E. *Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje*. Universidade do Porto, Porto, Portugal. *Psicologia & Sociedade*; 23 (1): 24-34, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WstTrSKFNy7tzvSyMpq-fWjz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2022.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV. (1977). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira 16a edição. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BOECHAT, Bernardo. *Pressão Estética, Gordofobia e Escala de Preconceito/com Bernardo Fala*. You Tube. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=96S9zMUtmCY> . Acesso em 30

nov 2022.

- BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Trad. Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Reflexões para a análise da violência verbal*. Tradução de Patrícia Reuillard (UFRGS); coordenação de Ernani Cesar de Freitas (UPF/PPGL), 2019. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/Reflexoes-para-a-analise-da,362.html>. Acesso em: 3 maio 2022.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- DAOLIO, Jocimar. *Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física*. Movimento. Ano 2. N.2. junho/95. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277213813_Os_significados_do_corpo_na_cultura_e_as_implicacoes_para_a_Educacao_Fisica. Acesso em: 14 jun. 2022.
- DEUS, Adriane de; MARTINS, Nara Elisa; SANTIAGO, Leonéa Vitoria. *As representações do corpo ao longo do tempo: seus discursos e suas construções*. XI Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba. 23 a 26/09/2013, p. 5851-5865.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola. Paris: 1971.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramanhete 42ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 8ª reimpressão, 2020.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 3ª ed. São Paulo: Cortez: 2004.
- VEREZA, Solange Coelho. *A palavra como arma: metáforas de guerra na conceptualização do antagonismo verbal*. Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 22, número 2, p. 367-385, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/38218/21414>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- XAVIER, Mariana. *Reagindo aos Comentários: Atriz Bomba na Internet com Foto de Biquíni o #XaComigo*. You Tube. 2017. Disponível

em: <https://www.youtube.com/watch?v=HkqnsILlgLs> . Acesso em 30 nov. 2022.

XAVIER, Mariana. *Gordofobia* | Mariana Xavier #TodasJuntas - parte 1. 2017 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r-su07B5-Ewo> . Acesso em 30 nov 2022.

XAVIER, Mariana. *Pressão Estética, Gordofobia e Escala de Preconceito/ com Bernardo Fala*. You Tube. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=96S9zMUtmCY> . Acesso em 30 nov 2022.

XAVIER, Mariana. Não comentar o corpo de ninguém. Todo corpo é um **#CorpoDeVerao**. TikTok. @marianaxavieroficial. 2022 . Disponível em: https://www.tiktok.com/@marianaxavieroficial/video/7053514385993600262?is_from_webapp=v1&item_id=7053514385993600262 Acesso em 30 nov 2022.

